

Proposta de elaboração de vocabulário de itens lexicais tabuizados¹

Vivian Orsi

Doutoranda/Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)

Claudia Zavaglia²

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)

Resumo:

Nosso objetivo é apresentar uma proposta de um vocabulário que contemple itens léxicos erótico-obsenos em português-italiano e fazer algumas considerações referentes à tradução de seus verbetes, cuja arquitetura é onomasiológica. Para a tradução dessa tipologia lexical devemos considerá-la não uma simples transferência de significados, uma vez que a possibilidade de tradução entre unidades lexicais nem sempre se verifica. Entretanto, podemos estabelecer uma correspondência entre elas e dicionarizá-las. Visamos, com nossa pesquisa e com nossas reflexões, contribuir com a comunidade acadêmica e preencher uma lacuna ainda existente no mercado lexicográfico de obras bilíngues especiais.

Palavras-chave: léxico erótico-obseno; tradução; equivalentes.

Abstract:

We intend to present a proposal of a vocabulary that contemplates the erotic-obscene lexicon in Portuguese-Italian and to make some reflections about the translation of the entries of our vocabulary, ordered by an onomasiological structure. The translation of this lexical typology is not considered as a simple transference of meaning, considering that the possibility of translation of lexical

¹ Recebido em 15 de abril de 2009. Aprovado em 3 de julho de 2009.

² Doutora em Linguística e Língua Portuguesa (2002) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), é professora de pós-graduação na mesma Instituição (Campus São José do Rio Preto). Realizou estágio de pós-doutoramento (2003-2004) na USP-ICMC (Campus de São Carlos) e é Livre-Docente em Lexicografia e Lexicologia (2009).

items is not always verified. However, we can establish a correspondence between them and add them to the dictionary. With our research and our reflections we aim to contribute with the academy and fill the gap still existing in the lexicographical market of special bilingual works.

Key-words: erotic-obscene lexicon; translation; equivalents.

Riassunto:

Il nostro obiettivo è quello di presentare una proposta di vocabolario erotico-osceno portoghese-italiano e riflettere sulla traduzione delle sue voci, la cui struttura è onomasiologica. Per la traduzione di questo tipo lessicale la consideriamo non un semplice trasferimento di significati, poiché la possibilità di traduzione tra le unità lessicali non sempre risulta essere possibile. Tuttavia, si possono stabilire delle corrispondenze tra loro e aggiungerle al dizionario. Aspiriamo, con la nostra ricerca e le nostre riflessioni, di collaborare con l'accademia e riempire la lacuna ancor oggi esistente nel mercato lessicografico di opere bilingue speciali.

Parole-chiavi: lessico erotico-osceno; traduzione; equivalenti.

Introdução

É evidente que as tarefas atribuídas à lexicografia se tornam mais fáceis de serem realizadas se forem considerados os aspectos lexicológicos que atuam junto dela, complementando-a. Para estudarmos a Lexicografia, portanto, não podemos perder de vista as contribuições da Lexicologia, uma vez que o dicionário é um instrumento que remete à língua e à cultura. Com esse embasamento, nosso trabalho centra sua atenção em um tipo lexical específico: as unidades lexicais que nominam os órgãos referentes às zonas erógenas, dos quais destacamos o pênis, a vulva, as nádegas, o ânus, os testículos e os seios, em língua italiana e em língua portuguesa, variante brasileira. Princípios nossa pesquisa partindo da análise do *corpus* coletado de Maior (1980), Almeida (1981), Preti (1984), Mattoso (1990), Vários (1990), Scerbo (1991), Bonistalli (2000), Zanni (2000), Xatara e Oliveira (2002), Bueno (2004), Vários (2005), Tartamella (2006) e de vários *sites*

e *blogs* da Internet. Neste artigo objetivamos, especificamente, apresentar uma proposta de vocabulário erótico-obscoeno na direção português-italiano e realizar algumas considerações referentes à proposta de equivalentes de seus verbetes.

Estudos do léxico

Relembramos que inúmeras reflexões sobre a linguagem e sobre as línguas, desde o século XIX, são fundamentalmente lexicológicas, ou seja, abrangem questionamentos acerca do léxico. A Lexicologia, consentâneo com o que nos define Picoche (1992), atenta-se à totalidade do signo linguístico. Em outras palavras, dedica-se ao exame completo do significante e do significado, componentes do signo linguístico concebido por Saussure (2006).

Para perscrutar nosso objeto de estudo expomos um elenco das principais definições sobre o léxico. Rey (1970:179) traz a hipótese de Sapir-Whorf referente à conceituação de mundo presente em cada sociedade, especificando que cabe à língua essa função, e que se reflete notadamente no léxico. Rey (1970:290) ainda define léxico como um conjunto de unidades codificadas, não provenientes de regras gramaticais, concebidas no interior da língua.

De acordo com Rey-Debove (1984:50), “o léxico é o conjunto das palavras duma língua, o que inclui evidentemente a maior parte dos morfemas (os morfemas livres) e todas as unidades codificadas de vários morfemas (palavras derivadas e compostas, *lexias*). É a imagem do léxico que os dicionários nos dão”. O léxico traduz as relações de ordem econômica, social e política que existem entre as diversas classes sociais, ele designa o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma comunidade linguística se comunicam entre si. Observe-se a citação abaixo:

o estudo das relações e das estruturas do léxico é um domínio privilegiado para descobrir as interações entre o sistema formal

da língua e a atividade humana que a torna possível, a linguagem. Esta atividade é exercida no tempo, no espaço e na sociedade pelo fenômeno geral que é a comunicação.³ (Rey 1970:149) (tradução nossa)

Adicionamos ainda a sucinta definição de Picoche (1992:45) (tradução nossa) referente ao que é léxico, ou seja: “o conjunto de palavras que a língua põe à disposição de seus locutores”.⁴

Ressalva-se também o fato de o léxico ser um sistema aberto, em contínua expansão condicionada pelas mudanças socioculturais, em que novas criações são cotidianamente adicionadas a ele, outras esquecidas e ainda, aos poucos, marginalizadas. Para Biderman (2001:179), “inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos ou novas significações de vocábulos já existentes surgem para enriquecer o Léxico”. Isto é, são os falantes que os determinam, os criam e os mantêm em sua língua. O que se atesta abaixo:

Como a língua está em perpétuo movimento, seu caráter de inacabado e de devir está sempre presente, sobretudo no léxico, visto que essa é a parte do sistema linguístico mais suscetível a mudanças por constituir um conjunto aberto. As combinatórias lexicais discursivas podem deixar de ser meras combinatórias frequentes de unidades léxicas para se converterem em novas unidades do léxico da língua. Assim, tudo se passa na língua e no vocabulário como numa pista de corrida – muitos corredores já ultrapassaram a barreira de chegada, outros estão se aproximando dela e outros vêm chegando de mais longe. (Biderman 1999:96)

³ “*l'étude des relations et des structures du lexique est un domaine privilégié pour découvrir les interactions entre le système formel de la langue et l'activité humaine qui la rend possible, le langage. Cette activité s'exerce dans le temps, l'espace et la société, par le phénomène général qu'est la communication*” (Rey 1970:149).

⁴ “*l'ensemble des mots qu'une langue met à la disposition des locuteurs*” (Picoche 1992:45).

Preti (1984) afirma que o léxico representa para os linguistas um campo de difícil exame, seja pelas implicações culturais, seja porque nele se observa melhor a condição dinâmica e mutante da língua, buscando acompanhar as necessidades de comunicação.

Concordamos com as citações apresentadas acima, capazes de justificar o que impede os lexicógrafos de registrar todos os vocábulos em uso na língua e, além disso, por maior que seja a extensão do léxico de uma língua, é reduzido o repertório efetivamente empregado pelos falantes.

Em suma, relacionando as definições supracitadas do léxico geral ao léxico especializado, em nosso caso, o erótico-obsceno, comprovamos com Preti (1984) que a vida das palavras se torna um reflexo da vida social e assim julgam-se os ‘bons’ ou ‘maus’ vocábulos apropriados ou inadequados a certos contextos. O léxico que se refere ao ato sexual e às práticas eróticas demonstra sobremaneira os juízos de valor da sociedade e seus costumes. No entanto, esse mesmo léxico que expressa o erótico e o obsceno não se refere somente a vocabulários especiais, mas também ao vocabulário comum, provocando mudança de sentido dos lexemas e significados implícitos.

Manifestamos que para a denominação dos referidos órgãos do corpo humano tende-se a evitar a terminologia anatômica oficial – relegada a contextos de grande formalidade – e adotar outros itens lexicais em ambientes e situações informais, que possam denominar as partes do corpo com conotação sexual. Preti (1984) afirma ainda que a unidade lexical obscena faz referência ao campo moral das palavras, dado que é comum dar a elas valores éticos, que só se alteram se os costumes forem modificados, e, por isso, não permitida de ser pronunciada em determinados contextos. Por esta razão, são itens lexicais considerados tabus, quer dizer, são formas censuradas e condenadas por uma determinada sociedade. Evidenciamos que em nosso trabalho a unidade lexical *palavrão* pode ser concebida como sinônimo de unidade erótico-obscena, pois a compreendemos como uma lexia que ultrapassa o limite da considerada boa decência e da moralidade. “Podemos, então, definir como palavrão um item que não é aceito pelas

convenções sociais, cuja utilização em público é sancionável”⁵ (Bona 2008:21) (tradução nossa).

Nesse momento é importante enfatizar que a outra área a qual nos dedicamos neste artigo é a Lexicografia: a ciência que descreve o léxico e é responsável por fornecer as bases para a elaboração de dicionários. Neste trabalho, examinamos a construção de um vocabulário onomasiológico (cf.: Ogden; Richards 1972), ou seja, aquele que parte dos conceitos relativos a um determinado assunto – em nosso caso as denominações dadas aos órgãos elencados anteriormente – e indica os significantes que a eles correspondem. Podemos elencar como etapas para elaboração de um vocabulário ou dicionário: (i) a seleção e escolha das entradas; (ii) o público a quem se direciona, se para um especialista da área, para um consultor leigo, ou para ambos, e (iii) a extensão do repertório vocabular, o qual deve formar sempre um conjunto equilibrado e em conformidade com os objetivos a que se propõe.

Num dicionário bilíngue usual, o escopo preliminar é o de auxiliar os consultores a entender um enunciado ou ajudá-lo a produzir um outro. No nosso vocabulário, todavia, não consideramos profícuo dar indicações sobre a pronúncia e sobre a gramática. Restringimo-nos ao oferecimento de uma aceção, exemplos e à classe gramatical a que pertence tal unidade do léxico, com o intuito de auxiliar seus consulentes nos processos tradutórios.

Para a tradução do tipo lexical escolhido devemos considerá-la não uma simples transferência de significados de uma língua de partida a uma outra de chegada, uma vez que a possibilidade de tradução entre unidades lexicais nem sempre se verifica. O escopo da lexicografia bilíngue, área em que se insere esta nossa pesquisa, é tentar buscar correlações entre unidades lexicais com o intuito de preencher as lacunas existentes pelas barreiras linguísticas e culturais, tendo consciência, de que a exaustão dos significados é, na maioria das vezes, inatingível. Vejamos a seguir essa área com mais detalhes.

⁵ “Possiamo allora definire come parolaccia un termine che non sia accettato dalle convenienze sociali, il cui utilizzo in pubblico sia socialmente sanzionabile” (BONA 2008:21).

Considerações sobre a tradução e a proposta equivalentes

“Os dicionários dão definições através de palavras ou frases que, segundo nos é dado a entender, têm um significado ‘idêntico’, se bem que o problema da identidade seja um ponto a que não poderemos fugir” (Palmer 1979:14). Com base nessa declaração – de que não se pode fugir do problema das correspondências entre unidades léxicas de línguas distintas – iniciamos nosso estudo acerca das possibilidades de tradução dentro de nosso vocabulário.

Para a presente pesquisa fundamentamo-nos em duas correntes dos estudos em tradução: a abordagem da modernidade e da pós-modernidade. Destarte, faremos, a seguir, uma sucinta apresentação de alguns dos principais conceitos das duas orientações, atendo-nos mais especificamente às noções de equivalência, que se vinculam ao nosso estudo.

Começamos com a vertente da *modernidade*, na qual se crê em significados estáveis, na possibilidade de poder serem transportados de uma língua à outra. Com efeito, “A meta é evitar que ocorram perdas, danos, e estragos ao conteúdo transportado. O transporte [...] tem de ser conduzido de forma suave, carinhosa e sem violência” (Rajagopalan 2000:124). O tradutor é um transportador de significados, neutro. A tradução é tanto melhor quanto menos se percebe a presença do tradutor.⁶ Não há grandes teorizações sobre o processo tradutório, acreditando-se que todos os tipos de textos poderiam ser traduzidos. A tradução é uma tentativa de se igualar ao texto de partida, é reprodução, espelhamento de significados equivalentes aos do texto original. Vejamos o que expressa Rodrigues (2000a) sobre a equivalência. Segundo Rodrigues (2000a), a noção de equivalência pressupõe a preservação de conteúdos ainda que em contextos diversos e a existência de dois sistemas linguísticos diferentes que conservam elementos aos quais se

⁶ Há controvérsias, haja vista a visibilidade intencional do tradutor proposta por Venuti (1986) e as considerações de Arrojo (1992) quando diz “traduzir deixa de ser uma atividade *inútil* ou *invisível*, que deve passar *despercebida*, e se assume como uma inevitável forma de conquista ou de tomada de poder, que necessariamente reescreve o passado e se apropria de outras culturas e linguagens” (Arrojo 1992:437).

podem conferir os mesmos valores. A crença na possibilidade de equivalência provém da concepção de língua como sistema de regras objetivas, em que os signos e os valores já estão determinados, havendo igualdade de valores entre línguas e culturas. Pensa-se num significado fixo, na simetria entre línguas.

Nessa antiga tradição, um significado está embutido na consciência do ouvinte e do falante, motivo pelo qual poderia ser resgatado sem dificuldades. E ainda:

Tradicionalmente concebe-se a tradução como a transmissão do mesmo sentido ou da mesma forma de um original em uma outra língua. Espera-se que uma tradução reproduza os valores do original em uma troca com equilíbrio, ou seja, que traga em uma segunda língua, equivalentes em sentido ou em forma dos presentes em uma primeira língua. (Rodrigues 2000b:91)

E é essa a noção de equivalência que prevalece nos estudos da modernidade.

A tradição da pós-modernidade, no entanto, descarta todas as possibilidades acima elencadas sobre a tradução. Refuta-se a concepção de intercâmbio perfeito, equilibrado, entre uma língua e sua tradução. É nesse momento em que se instaura a *desconstrução*, proposta por Derrida (1998). Ele realiza, entre outras inúmeras elucubrações, a desconstrução do signo saussuriano. Em poucas palavras, o filósofo francês considera que Saussure se contradiz ao instituir a separação entre significante e significado, mas, ao mesmo tempo, alega que são duas faces de uma mesma moeda. Assim, ambos seriam igualmente importantes. Contudo, ao distanciá-los, Saussure (2006) acaba por privilegiar a fala, o significante, relegando o estudo do significado. Entre outras críticas, Derrida observa que essa posição de Saussure levaria a um “significado transcendental”, que poderia ser compreendido independentemente da língua – o que permitiria a equivalência entre palavras de várias línguas. Derrida observa que é a união entre significado e significante que produz sentido.

Ao contrário da modernidade, que busca a perfeita equivalência entre o original e a tradução, na concepção desconstrutivista da pós-modernidade repensa-se essa procura, almejando abordar também o papel do tradutor.

Lima e Siscar (2000) elucidam que a desconstrução não é a lógica da inversão, a negação de uma ordem. Nessa corrente, o tradutor é visto como aquele que reescreve o que traduz. Arrojo (1995:31, tradução nossa) reforça que “tradução é, na verdade, uma forma de produção de significado”.⁷ Isto é, o tradutor deve determinar o significado na relação entre leitor e texto traduzido. A reflexão da pós-modernidade tolhe do tradutor a responsabilidade de transportar significados ou de encontrar correspondentes simétricos entre duas línguas.

Mister se faz ressaltar que, apesar de o tradutor ser mais livre para realizar sua função, não significa que ele tenha plena liberdade para agir, para fornecer qualquer interpretação, nem para se apresentar como autor de um texto. Os significados selecionados pelo tradutor devem se encaixar necessariamente nas convenções de seu tempo e de sua comunidade.

Nessa esteira, é válida a reflexão sobre os valores transmitidos no processo de tradução na pós-modernidade: “o signo não reflete uma cultura, uma sociedade, mas garante seus valores e seus significados” (Rodrigues 2000a:193).

Enfim, a partir de uma

dessacralização do chamado ‘original’ e dos conceitos tradicionais de autoria e leitura, e da conseqüente aceitação de que traduzir é inevitavelmente interferir e produzir significados, num contexto em que se começam a reavaliar as relações tradicionalmente estabelecidas entre teoria e prática [...] a reflexão sobre tradução sai das margens dos estudos linguísticos, literários e filosóficos [...] e assume um lugar de destaque no pensamento contemporâneo filiado à pós-modernidade. (Arrojo 1996:62)

⁷. “translation is in fact a form of meaning production” (Arrojo 1995:31).

Nesta nossa pesquisa o intuito em que a tradução está envolvida é na apresentação dos verbetes de unidades lexicais referentes ao universo erótico-obsceno, propondo equivalentes para as unidades escolhidas. Diante dessa proposição, temos de assumir uma das correntes acima comentadas. Optamos por fazer uma união de ambas. Isto, pois, adotar apenas uma visão sobre a tradução seria menosprezar o que cada uma tem a oferecer ao nosso entendimento. Ao selecionar as possíveis traduções das unidades lexicais encontradas, mantemos em mente que um vocabulário não é capaz de suprir todo o tema a que se propõe abarcar e que os significados que possa trazer não são estáveis nem fixos. Xatara, Riva e Rios (2002) relatam que não é possível definir ao certo um equivalente em língua estrangeira e nem afirmar que seu uso é idêntico nas línguas estudadas, porém, pode-se estabelecer alguma correspondência entre eles e dicionarizá-los.

Fundamentando-nos nas propostas e reflexões de Haensch *et al* (1982), sabe-se que na prática é laboriosa e, muitas vezes, impraticável a atribuição de um significante em certa língua a um conteúdo correspondente em outra. Para os autores, deve-se construir um texto que concorde com os elementos fundamentais do texto da outra língua, ou seja, a unidade léxica da língua de partida deve estar em conformidade com pelo menos um dos semas – unidades mínimas de significação – da língua de destino. Vejamos em detalhes o que expõem os autores comentados.

As unidades lexicais representam diferentes culturas, assim, o contexto cultural de duas línguas deve ser conhecido no momento da tradução e é necessário empregar equivalentes que sejam os mais próximos possíveis da cultura em questão. “A esfera semântica de uma palavra numa língua não é nunca completamente idêntica à esfera semântica de uma palavra similar em uma outra língua”⁸ (Nida 1945:94-208 *apud* Rey 1970:266).

Cumprе comentar que as denominações de uma língua frequentemente não dispõem de equivalência exata em outras línguas devido ao fato de se

⁸ “La sphère sémantique d’un mot dans une langue n’est jamais complètement identique à la sphère sémantique d’un mot similaire dans une autre langue” (Nida 1945:94-208 *apud* Rey 1970:266).

basearem em maneiras distintas de estruturar a experiência do mundo, ou seja, realidades extralinguísticas também interferem na realização de uma tradução. Apesar de serem de culturas diversas, as metáforas erótico-obscenas relativas aos nomes dos órgãos que compõem as zonas erógenas em português brasileiro e em italiano são similares. Isso interessa aos equivalentes que apresentaremos visto que, por serem línguas próximas o processo se torna mais factível.

Defronte ao exposto, acreditamos que “é verdade que não é possível determinar com exatidão qual o significado único e preciso de um determinado texto, nem tampouco identificar um tal significado com a intenção consciente do autor” (Britto 2003:45), assumindo, assim, uma das afirmações da pós-modernidade. Biderman (2001) reforça que não existem palavras que possam ser consideradas equivalentes totais, isto devido à riqueza e flexibilidade da língua nos variados usos, sejam eles afetivos, sociais, gíricos ou vulgares. Sobretudo traduzindo itens linguísticos com valor conotativo alto, como no caso dos palavrões. Deve-se considerar impossível uma tradução totalmente equivalente. Desta feita, o tradutor precisa estar consciente das perdas que comportará o processo tradutório e deve, por isso, fazer uma análise profunda dos conteúdos para poder escolher o que deverá ser sacrificado.

Contudo, sustentamos que para a tradução de alguns textos, para fins práticos, só se pode oferecer resultados se forem adotados alguns pressupostos (como o uso ponderado de noções de equivalência), que embora possam não pertencer à realidade, são fundamentais. Ao descrever uma unidade lexical em um vocabulário, então, almejamos uma pretensa estabilidade e fixidez de significado, agindo como se as traduções sugeridas fossem equivalentes do original e pudessem substituí-lo.

Afirmamos com Britto (2003:48) que a crítica desconstrutivista nos leva a repensar vários conceitos. Todavia, não se pode descartar alguns deles, por exemplo, os conceitos de ‘significado’, de ‘original’ e de ‘equivalência’, que são pressupostos da prática de inúmeras áreas, ainda que sejam problemáticos.

Biderman (2001) confere exatidão ao conceito de tradução que adotamos, constatando que no discurso dos dicionários, caso não existisse essa fictícia possibilidade de equivalência, eles não existiriam.

É com este embasamento acerca da possibilidade de tradução dos itens lexicais erótico-obsenos, na passagem da língua italiana para a portuguesa que realizamos nossa pesquisa e a elaboração do vocabulário.

Discorreremos a seguir sobre reflexões relevantes à definição de nossa estrutura lexicográfica, especialmente aquelas relativas à sinonímia, à homonímia e à polissemia, além da apresentação dos verbetes que integram nosso vocabulário erótico obsceno.

Em nosso vocabulário nos defrontamos com os problemas da homonímia, da sinonímia e da polissemia. Os fenômenos mencionados contrariam o que seria desejável na língua, isto é, que a cada significante correspondesse simplesmente um significado, considerando que:

As ideias do autor sobre homonímia e polissemia não só influenciam na estrutura da parte definitiva das entradas do dicionário, mas também na decisão de se as indicações sobre conteúdos ou equivalentes de tradução que podem corresponder a um significante léxico podem ocorrer em uma só entrada [...] ou se é preciso fornecer outras entradas.⁹ (Haensch *et al* 1982:297-298) (tradução nossa)

Estabelecemos a homonímia como sendo a igualdade de significantes de duas ou mais palavras, de cujo significado difere. Dentro de nossa recolha vocabular isso ocorre, por exemplo, com “bimba” e “coisa”, unidades lexicais que se referem tanto ao órgão masculino quanto ao feminino; “*airbag*” (item provindo da língua inglesa que serve para nomear a bolsa de ar presente em certos automóveis com intuito de proteger o condutor ou o passageiro em caso de colisão) indica as nádegas em língua italiana, assim como os seios em língua portuguesa e também na italiana. Um outro exemplo é “*buco*”

⁹. “Las ideas del autor sobre homonimia y polisemia no sólo influyen en la estructura de la parte definitiva de los artículos del diccionario, sino también en la decisión de si las indicaciones sobre contenidos o equivalentes de traducción que pueden corresponder a un significante léxico se pueden dar en solo un artículo [...] o si se han de repartir en varios artículos” (Haensch *et al* 1982:297-29).

(buraco), do *corpus* italiano, designador da vulva e do ânus. Todas essas ocorrências serão consideradas homônimas, dado que desfrutam de um mesmo significante, porém com diversos significados, aparecendo cada uma delas em entradas distintas – são unidades lexicais diversas. Berruto (1979) confere que a homonímia é uma unidade que apresenta significados variados, ou seja, inúmeros significados distintos correspondem a um mesmo significante.

Para Berruto (1979) devem-se analisar dois casos acerca desse fenômeno: o primeiro é quando se têm palavras distintas, seja em função de pertencerem a classes gramaticais diferentes ou por diversa etimologia ou por semas diversos.

O outro caso a ser examinado é quando se tem a mesma palavra com significados distintos, o que seria a polissemia. Sinteticamente, esta seria a reunião de vários significados aparentados em um único significante, ou seja, está-se diante de uma única unidade lexical. Para Barbosa (1996:245) “a mesma forma significante [...] ligada a vários feixes de sema ou sememas, diversificados pelas combinações diferentes de semas” define a polissemia.

Para Zavaglia (2003),

A polissemia é um fenômeno que está naturalmente presente em uma língua natural; é um fator de economia e de flexibilidade para a eficiência desse mesmo sistema linguístico. Não importa quantos significados tenha um dado item lexical: dada a influência do contexto, não haverá confusão entre eles se a um certo significado for dado um determinado sentido somente numa situação precisa. (Zavaglia 2003:244)

Este fato se verifica com frequência no interior de nosso vocabulário, visto que para um mesmo órgão genital se atribuem facilmente vários significantes próximos, aparentados. Basta atentar que somente para o órgão sexual feminino, em língua portuguesa, coletamos mais de três mil itens lexicais, o que só pode se justificar pela imensa variação que uma mesma palavra pode ter, como por exemplo, “boca”, realizada também como “boca

cabeluda”; “boca da loba”; “boca da onça”; “boca da vovó”; “boca de baixo”; “boca de bicho”; “boca de cabelo”; “boca de caçapa”; “boca de camelo”; “boca de capim”; “boca de encrenca”; “boca de garrafa”; “boca de jacaré”; “boca de macaco”; “boca de mina”; “boca de mochila”; “boca de pacu”; “boca de pele”; “boca de pelo”; “boca de sacola”; “boca de sapo”; “boca de vampiro”; “boca de veludo”. Lembramos que priorizamos apenas o sema principal em cada verbete, ou seja, o mais aparente e explícito – no caso acima mencionado destacamos o sema /abertura/. Ademais, a separação por campos léxicos nos auxilia na constituição do vocabulário, uma vez que entre os órgãos não haverá os possíveis embustes que a tênue distinção entre esses conceitos poderia causar.

Na tradução, a polissemia faz com que a uma unidade léxica de uma certa língua correspondam duas ou mais unidades de outra língua, com diferentes significados relacionados entre si. Dessa maneira, as unidades polissêmicas são catalogadas em uma única entrada, cada qual examinada com zelo para evitar a simplificação indicada acima.

Dentro do vocabulário aqui proposto comprovamos, com base em Francisco e Zavaglia (2008) que

(...) normalmente o que provoca armadilhas ao tradutor é o fato de a polissemia não ocorrer com os mesmos vocábulos e com os mesmos sentidos em diferentes línguas, de modo que uma palavra pode abranger significados em uma língua que seu correspondente direto na outra não possui. Em alguns casos, verificamos que um item polissêmico pode ter um sentido quando empregado sozinho e outro quando pertence a uma locução, por exemplo. (Francisco; Zavaglia 2008:117)

Resgatamos que, “no que concerne à homonímia, os significados que são expressos por um mesmo significante são totalmente estranhos um ao outro” (Zavaglia 2003:249). Portanto, em nossos verbetes casos considerados homônimos aparecem em entradas diferentes, já os polissêmicos, na mesma entrada.

No que tange à sinonímia, de acordo com Berruto (1979), é o fato de palavras distintas dentro de uma língua terem o mesmo significado. Ela ocorre quando significantes distintos correspondem a um único significado.

Ainda para esse autor, uma forma de se testar ou provar a sinonímia é a possibilidade de comutação em um mesmo contexto. Haverá referido fenômeno se na substituição de uma unidade léxica por outra na mesma situação, conservando inalterado o restante do contexto, o significado da expressão não sofrer mudança.

Como adverte Berruto (1979), na realidade, é difícil estabelecer uma identidade de significado entre duas unidades léxicas diversas, a troca perfeita dentro de um mesmo contexto ocorre apenas teoricamente. Logo, a sinonímia não existe, visto que se existem valores estilísticos, emotivos e sociais que distinguem os itens de significado aparentemente similares. Por este motivo o autor emprega o nome ‘sinonímia em sentido amplo’ para tais casos.

Com efeito, a partir dessas considerações inferimos que os itens de nosso repertório são sinônimos quando puderem ocorrer no mesmo contexto, sem que haja nenhuma perda de sentido.

Para a definição das unidades dentro dos verbetes recorreremos aos sinônimos e, se não houver outra possibilidade, à paráfrase, definida como a re-escritura do conteúdo de um segmento utilizando significantes diversos. Haensch *et al* (1982:276, tradução nossa) atentam que “Junto à definição por meio de paráfrases, aparece com frequência a explicação mediante sinônimos”.¹⁰

É com esse embasamento acerca das possibilidades da polissemia, da homonímia, da sinonímia e de tradução dos verbetes na passagem da língua portuguesa para a italiana, que realizamos nossa pesquisa e a elaboração do vocabulário.

¹⁰. “Junto a la definición mediante paráfrasis, aparece con frecuencia la explicación mediante sinónimos” (Haensch *et al*. 1982:276).

DIREÇÃO PORTUGUÊS-ITALIANO:

unidade lexical erótico-obscena em português: informação morfosintática

equivalente tradutório em italiano (informação morfosintática): contextualização em italiano (fonte) // contextualização em português (fonte) # Definição referencial da entrada em língua portuguesa que conduz à metáfora em português, “**sinônimo do equivalente tradutório**”. sin (sinônimos da entrada)

► sema

Como se vê, incluímos nos verbetes a unidade lexical contemplada como entrada, a informação morfosintática indicativa da classe gramatical a que se refere, o equivalente na outra língua, exemplos que possam contextualizar a unidade nas duas línguas e suas fontes, a definição que levou à metáfora e o sema. Optamos por apresentá-los com o escopo de levar ao conhecimento do leitor qual é o sema atualizado em cada item sugerido para compor a entrada do verbete. Procuramos evidenciar, outrossim, com as contextualizações apresentadas, o item lexical metaforizado associado a um dos órgãos em estudo e sua acepção erótica.

As entradas escolhidas para compor os verbetes provêm dos levantamentos oriundos de dicionários e de itens lexicais que ao longo de nossa pesquisa foram recolhidos. Vale ressaltar que fizemos as coletas especialmente de sites da *Internet* direcionados a contos eróticos e de *blogs* juvenis. Isso equivale a dizer que em nosso *corpus* figuram unidades lexicais provenientes da fala, da linguagem oral, visto que mesmo nos contos eróticos usa-se uma linguagem mais coloquial e popular – a preferida para o emprego de palavrões. Advertimos que a escolha dessas entradas se deu exclusivamente em função da contextualização, ou seja, sugerimos como entrada para cada verbete a unidade

lexical para a qual encontramos um exemplo possível de contextualizá-la, sem contabilizar o número de incidências de cada item léxico. Sabemos que algumas das unidades correm o risco de terem sido empregadas uma só vez e por uma só pessoa. Contudo, ainda assim, optamos por apresentá-las com sua frequência única – as *hapax legomena* – já que a sua contextualização nos revela seu real e efetivo uso. Atribui-se a esse motivo o fato de registrarmos, por vezes, entradas de baixa incidência que podem parecer estranhas a falantes que empregam usualmente palavrões. Um exemplo retirado de nosso *corpus* usado para nomear o órgão sexual feminino é “fedegosa”, cujo sema em destaque é /cheiro/. Nesse caso, o sinônimo “bacalhau” parece ter uso frequente; o mesmo se percebe com “pomos” e “mamões” relativos aos seios: ambos compartilham do mesmo sema /alimento/, mas o segundo tem uso mais assíduo que o primeiro. O mesmo acontece com a atribuição dos equivalentes, escolhidos também exclusivamente em função da contextualização.

Ademais, no interior dos verbetes, os itens léxicos arrolados podem sofrer variação ortográfica, como por exemplo, (i) a alteração de ch por x, como em “chana” e “xana” que indicam o órgão sexual feminino em língua portuguesa e (ii) a variação quanto ao gênero da entrada como “banano” ou “banana”, os quais em italiano fazem referência ao órgão genital masculino.

Relativo à ilustração, isto é, à apresentação de um item inserido num contexto selecionado, ela ocorre, como explicitado, por meio de exemplos recolhidos de obras erótico-obscuras, tais como revistas pornográficas e de sites da *Internet* de mesmo teor, especialmente referentes a contos eróticos.

Tomamos tais indicações como suficientes para sanar possíveis dúvidas ou curiosidades do consultor. Como visto na configuração dos verbetes, com todas as entradas em mãos, em português, propomos a tradução para o italiano de cada uma delas.

Observa-se, uma vez mais, que em nosso vocabulário bilíngue privilegiamos o uso de sinônimos da palavra-entrada, partindo-se do pressuposto que um item lexical de uma língua pode ser definido e compreendido a partir de um equivalente na língua de chegada.

Estruturação dos verbetes

Apresentamos a seguir os verbetes do vocabulário erótico-obsceno dos órgãos sexuais, primeiramente aqueles atinentes ao campo semântico do pênis (4.1.), na direção português-italiano; a seguir, 4.2. é dedicado à exposição do campo semântico relativo à vulva; em 4.3. trazemos os itens relacionados ao ânus; logo adiante, em 4.4., os verbetes referentes às nádegas, os testículos e os seios são apresentados em 4.5. e 4.6., respectivamente.

Campo semântico: PÊNIS

cacete: s.m.s.

cazzo (s.m.s.): *aveva gli occhi azzurri e i capelli biondi come il cespuglio di peli tra le gambe da cui pendeva un cazzo enorme.* (www.iomilu.com/viewstory.php?sid=6038) // *quando karina viu meus 20 cm de cacete, super ereto, cabeçudo e já “chorando”, ela se virou no banco, de costas para o painel do carro, levantou a saia, abriu as pernas, deu uma puxadinha na calcinha, com dois dedos abriu a portinha da xaninha...* (www.dicasdesexo.com.br/padrao3.asp?codigo=986) # Peça de madeira resistente, cilíndrico, de comprimento não muito grande, usado para desferir pancadas e que remete ao órgão genital masculino; “**cacchio**”; “**cazzaccio**”; “**cazzata**”; “**cazzo del gallo**”; “**cazzone**”; “**supercazzo**”. sin. **cacete homem**; **catso**; **cazzo**; **porra**; **porraz**
▶ dureza

Campo semântico: VULVA

pombinha: s.f.s.dim.

fagiana (s.f.s.): *slip o boxer? vado in giro con la fagiana al vento ahahhaa...* (www.utentimangait.altervista.org/)

tuttamanga.html) // *gosto de tirar a roupa/e sentir as tuas mãos me envolvendo/o teu dedo no meu cuzinho/a tua língua na minha **pombinha**/e a minha boca no teu pau.* (www.contossecretos.com/?m=2006&w=1) # Ave que possui bico com a base coberta por uma cera, plumagem macia, associada ao órgão genital feminino; “**piccione**”. sin. **peito de pomba; pomba lesa; pombanha; pombão; pomba rola; pomboca; pombosa; rola; rolândia; rolinha; rolódromo; rulinha**

► animal

Campo semântico: ÂNUS

rabo s.m.s.

sedere (s.m.s.) *ha scoperto quanto è bello essere penetrata nel **sedere**, sentirsi lo sperma spruzzare dentro, bere lo sperma e farselo spalmare sulla pancia.* (http://forum.alfemminile.com/forum/f257/_f479_f257-sesso-con-donna-incinta.html) // *ele enfiou o pau inteiro, com violência, meteu aquele cacete enorme de uma vez no meu **rabo**, e nem sequer me deu tempo de me acostumar com aquele volume* (<http://www.cido.com.br/contos.asp?id=1214>) # Prolongamento da coluna vertebral, cuja posição remete à localização do ânus. sin. rabada; rabicho

► posição

Campo semântico: NÁDEGAS

traseiro: s.m.s.

deretano: s.m.s.: *così facendo, ella mostrava il **deretano** sodo e prosperoso, le gambe carnose e lunghissime, scalze, lasciate scoperte da una gonna attillata che le arrivava soltanto a metà*

coscia. (<http://www.ewriters.it/leggi.asp?w=27138>) // *ajudo ele a abrir os botões e ele arranca o jeans. dói. ele passa manteiga no meu **traseiro**. é muito sexy – gordurosa e oleosa e escorregadia. isso é bom, porque estou ficando nervosa só de pensar no que vem em seguida. ele tira o short e tenta entrar por trás.* (<http://nikita.riovila.bol.com.br/h13.html>) # Objeto situado atrás, na parte posterior, remetendo à localização das nádegas.

► posição

Campo semântico: TESTÍCULOS

bolas: s.m.p.

palle (s.m.p.): *infilo due dita e lecco i suoi umori caldi e copiosi sta godendo come una matta... il mio uccello nn lo molla un attimo succhia le **mie palle** avidamente...* (<http://www.sexycommunity.it/dedicato-alle-chat/>) // *se eu puser minha mão dentro de suas calças e brincar com suas **bolas** por dez minutos, serei capaz de dizer sua idade exata.* (http://www.piadasdodia.com.br/mostrapiada.asp?id_piada=229) # Corpo esférico que remete aos testículos, devido à analogia de formas.

► forma

Campo semântico: SEIOS

mamões: s.m.p.

meloni (s.m.p.): *aveva due **meloni** da sballo! almeno una quinta, ma soda e consistente che stava ritta da sola, bella abbronzata con due enormi capezzoloni marroni dal sole che si spalrava la crema tra quelle poppe con un erotismo mai visto, come se stesse spalmandosi una sborrata sul corpo dopo una spagnola!* (www.cds.forumcommunity.net/?t=8904470) // *coloquei*

*a mão em seu “top” e puxei até a altura da sua cintura...saltou diante dos meus olhos, literalmente, dois **mamões** madurinhos, empinadinhos e pasmem ... mamilos rosados.*

(http://www.oficinasprazeres.com.br/contos_ler.php?con_id=300) # Fruto do mamoeiro, de feitio semelhante ao da mama, cor amarela, e polpa espessa e succulenta”, que remete aos seios; “**poponi**”.

► alimento

Considerações finais

Consideramos importante a possibilidade de pesquisas como esta virem a representar uma contribuição ao mercado das obras de referência brasileiras, uma vez que existe carência de estudos nesse formato, especialmente concernente aos pares de língua em questão. Para Tartamella (2006:84), “confrontar os palavrões de línguas diversas (o turpilóquio comparado) é interessante também por outro motivo: serve para compreender se de uma cultura a outra existem elementos constantes (as palavras usadas para o sexo e os excrementos são vulgares em qualquer latitude?) e quais são os modos de ver as mesmas realidades (...)”.¹¹

Esperamos ter deixado evidente que para a tradução dessa tipologia lexical a reputamos não como uma simples transferência de significados de uma língua de partida a uma outra de chegada, uma vez que a possibilidade de tradução entre unidades lexicais nem sempre se verifica. Ao selecionar as possíveis traduções das unidades lexicais encontradas, temos em mente que os significados que um item léxico abarca não são estáveis nem fixos, ou seja, nem sempre é possível definir com segurança um equivalente em língua estrangeira, tampouco afirmar que seu uso é idêntico nas línguas estudadas. Entretanto, procuramos estabelecer alguma correspondência entre eles e dicionarizá-los.

¹¹. “Confrontare le parolacce di lingue diverse (il turpiloquio comparato) è interessante anche per un altro motivo: serve a capire se da una cultura all'altra vi sono elementi costanti (le parole usate per il sesso e gli escrementi sono volgari a ogni latitudine?) e quali sono i modi di vedere le stesse realtà (...)” (Tartamella 2006:84).

Almejamos, com este artigo, que nossa proposta de vocabulário e nossas reflexões se adequassem a um interesse social coletivo, da comunidade e da academia, visando à possibilidade de preenchimento do hiato existente no mercado lexicográfico de obras bilíngues especiais.

Referência bibliográfica

ALMEIDA, Horácio. 1981. *Dicionário de termos eróticos e afins*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

ARROJO, Rosemary. 1996. Os estudos da tradução na pós-modernidade, o reconhecimento da diferença e a perda da inocência. *Cadernos de tradução*, Florianópolis: NUT, (1):53-69.

_____. 1995. The death of the author and the limits of the translator visibility. In: Mary Snell-Hornby. *Translation as intercultural communication*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 21-32.

_____. 1992. Tradução. In: José Luís Jobim (org.). *Palavras da Crítica*. Rio de Janeiro: Imago.

BARBOSA, Maria Aparecida. 1996. *Léxico, produção e criatividade*. São Paulo: Plêiade.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. 1999. Conceito linguístico de palavra. *Palavra*, Rio de Janeiro, (5):81-97.

_____. 2001. *Teoria linguística*. São Paulo: Martins Fontes.

BERRUTO, Gaetano. 1979. *La semántica*. México: Nueva Imagen.

BONA, Alessio. 2008. *Il turpiloquio nel serial: approccio alla traduzione*, Tesi di laurea. (Laurea in Mediazione Linguistica e Culturale), Università degli Studi di Milano, Milano. Disponível em: <<http://antoniogenna.wordpress.com/2009/05/07/scrivo-anchio-il-turpiloquio-nei-serial-approccio-alla-traduzione/>>.

- BONISTALLI, Roberto. 2000. *Classiche posizioni dell'amore*. Per coppie novizie, riciclate o svogliate. Colognola ai Colli; Demetra.
- BRITTO, Paulo Henrique. 2003. Desconstruir para quê?. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis: NUT, (8):41-50.
- BUENO, Alexei. 2004. *Antologia pornográfica: de Gregório de Mattos a Glauco Mattoso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- DERRIDA, Jacques. 1998. Carta a um amigo japonês. (Trad. de Érica Lima). In: Paulo Ottoni (org.). *Tradução: a prática da diferença*. Campinas: Ed. Unicamp/Fapesp.
- FRANCISCO, R.; ZAVAGLIA, C. 2008. *Parece mas não é: as armadilhas na tradução do italiano para o português*. São Carlos: Editora Claraluz.
- HAENSCH, Gunther et al. 1982. *La lexicografía*. Madrid: Editorial Gredos.
- LIMA, E.; SISCAR, M. 2000. O decálogo da desconstrução: tradução e desconstrução na obra de Jacques Derrida. *Alfa*, São Paulo, (44):99-112.
- MAIOR, Mário Souto. 1980. *Dicionário de palavrão e termos afins*. 2.ed. Recife: Guararapes.
- MATTOSO, Glauco. 1990. *Dicionário do palavrão e correlatos*. Inglês-português/português-inglês. Rio de Janeiro: Record.
- OGDEN, C. K.; RICHARDS, I. A. 1972. *O significado de significado*. (Trad. de Álvaro Cabral). Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- PALMER, F. R. 1979. *A semântica*. Lisboa: Edições 70.
- PICOCHÉ, Jacqueline. 1992. *Précis de lexicologie française*. Paris: Nathan Université.
- PRETI, Dino. 1984. *A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica*. São Paulo: Queiróz.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. 2000. Traição versus transgressão: reflexões acerca da tradução e pós-modernidade. *Alfa*, São Paulo, (44):123-130.

REY, Alain. 1970. *La lexicologie*. Paris: Klincksieck.

REY-DEBOVE, Josette. 1984. Léxico e dicionário. (Trad. de Clóvis Barleta de Morais). *Alfa*, São Paulo, (28):45-69.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. 2000a. *Tradução e diferença*. São Paulo: Editora UNESP.

_____. 2000b. Tradução: a questão da equivalência. *Alfa*, São Paulo, (44):89-98.

SAUSSURE, Ferdinand. 2006. *Curso de linguística geral*. (Trad. de Antonio Chellini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein). São Paulo: Cultrix.

SCERBO, Ercole. 1991. *Il nome della cosa*. Nomi e nomignoli degli organi sessuali. Milano: Mondadori.

TARTAMELLA, Vito. 2006. *Parolacce*. Perché le diciamo, che cosa significano, quali effetti hanno. Milano: BUR.

VÁRIOS. 1990. *2500 Palavrões*. São Paulo: Flash.

VÁRIOS. 2005. *Svergognate*. Roma: Edizioni Ariete.

VENUTI, L. 1986. The Translator's Invisibility. *Criticism*. vol. XXVIII, nº 2, pp. 179-212.

XATARA, C. M.; RIVA, H. C.; RIOS, T. H. C. 2002. As dificuldades na tradução de idiomatismos. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis: NUT, (8):183-194.

_____.; OLIVEIRA, W. L. de. 2002. *Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões: francês-português / português-francês*. São Paulo: Cultura.

ZANNI, Marco. 2000. *Ditelo con gli insulti* (e non accontentatevi di un semplice vaffanculo). *Dizionario completo degli insulti italiano-inglese*. Milano: Baldini&Castoldi.

ZAVAGLIA, Claudia. 2003. Ambiguidade gerada pela homonímia: revisitação teórica, linhas limítrofes com a polissemia e proposta de critérios distintivos. *Delta*, São Paulo, 19(1):337-266.